



Novos Cadernos NAEA

v. 26, n. 1 • jan-abr. 2023 • ISSN 1516-6481/2179-7536



ENTRE SINAIS E INCERTEZAS: A ESPERA PELAS CHUVAS EM 7 ANOS DE SECA NO CARIRI PARAIBANO

**BETWEEN SIGNS AND UNCERTAINTIES:
WAITING FOR THE RAINS IN 7 YEARS OF DROUGHT
IN THE CARIRI PARAIBANO**

Mateus Amoedo Zani



RESUMO

A seca de 2011-2018 foi a mais longa já registrada no semiárido brasileiro e teve impactos em diversos aspectos da vida dos sítiantes da região. No presente artigo, apresento os impactos que sete anos de seca tiveram na percepção da passagem do tempo climático entre sítiantes do semiárido paraibano, entre a seca e a estação chuvosa. Neste contexto de extenso prolongamento da seca, sinais da natureza que, tradicionalmente, marcam a chegada de chuvas, já eram vistos como incertos. A partir da perspectiva das experiências do clima pelos sítiantes do semiárido, as informações e as narrativas aqui apresentadas mostram que a última seca reduziu a confiança e alimentou incertezas quanto aos fluxos do tempo climático. É importante ressaltar ainda que, nas próximas décadas, em um contexto de mudanças climáticas, as secas tendem a se prolongar e intensificar na região.

Palavras-chave: Seca. Semiárido. Nordeste. Clima.

ABSTRACT

The 2011-2018 drought was the longest ever recorded in the Brazilian semi-arid region and had impacts on various aspects of the lives of farmers in the region. In this article, I present the impacts that seven years of drought had on the perception of the passage of the weather among farmers in the semi-arid region of Paraíba, between the drought and the rainy season. In this context of extensive prolonged drought, signs of nature that traditionally mark the arrival of rain, were already seen as uncertain. From the perspective of climate experiences by semi-arid besiegers, the information and narratives presented here show that the latest drought has reduced confidence and fueled uncertainties about weather flows. It is also important to point out that, in the coming decades, in a context of climate change, droughts tend to prolong and intensify in the region.

Keywords: Drought. Semi-arid. Brazilian northeast. Climate.

1 INTRODUÇÃO

Entre 2011 e 2018, o semiárido nordestino passou pela mais longa seca já registrada. Em trabalho de campo, pude acompanhar o auge desse período – de 2015 a 2018 – entre sítiantes do interior da Paraíba e defendo neste artigo que os sete anos consecutivos sem uma estação de chuvas tiveram forte impacto na vida da região, não apenas econômico, como também na relação da população com o tempo e o ambiente da caatinga. Neste contexto, alguns sinais da natureza, vistos pelos habitantes como marcadores dos ciclos entre seca e chuvas, pareciam incertos. Ano após ano, esses sítiantes esperaram pela estação chuvosa, que costuma ocorrer no primeiro semestre, mas a seca persistia. Sinais da natureza, algumas vezes, indicavam a possibilidade de chuvas, porém, ela não ocorria ou tais sinais eram acompanhados, quando muito, por chuva fraca e rápida, contudo, incapaz de modificar os rumos da vida. Alguns agricultores até arriscaram o plantio, mas perderam o trabalho e as sementes no solo seco. Defendo, assim, que o prolongamento da seca por sete anos alimentou incertezas quanto aos fluxos do tempo climático, incertezas exacerbadas em um cenário inédito para os habitantes do semiárido brasileiro.

O presente artigo está organizado em algumas seções: uma introdução, onde apresento, além do tema, problema e hipótese do trabalho, a escolha por uma abordagem que privilegie a perspectiva das experiências dos sítiantes do semiárido, inspirada em Tim Ingold; em seguida, apresento o contexto físico do Cariri Paraibano, fundamental para compreender as dinâmicas da vida no lugar; na terceira seção desenvolvo um debate sobre “espera” e “incertezas”: a espera pelas chuvas no contexto do semiárido, especialmente ao longo da seca de 2011-2018, e as incertezas que marcam tal expectativa; nas seções seguintes busco, através das narrativas das experiências dos sítiantes, apresentar os impactos do prolongamento da seca por tão extenso período na percepção destes sobre os fluxos de passagem do tempo climático, algo que teria fomentado ainda mais as incertezas da vida no semiárido.

O Cariri Paraibano, região escolhida para a realização do trabalho de campo, apresenta precipitações anuais que, em tempos chuvosos, não ultrapassam 300 mm. O fato de a região ter os menores índices pluviométricos do Estado da Paraíba e estar entre os mais baixos de toda

região semiárida brasileira, torna a região extremamente interessante para observar impactos do prolongamento das secas, especialmente os longos sete anos do último período de estiagem.

Antes de tudo, é importante mencionar que, se os sete anos de seca eram, até então, inéditos, o cenário de mudanças climáticas aponta para o prolongamento e intensificação das secas na região semiárida brasileira nos próximos anos. Magalhães (2016, p. 17, tradução nossa) alerta que “é provável que aumente a frequência e intensidade das secas na região Nordeste, juntamente com a duração dos períodos de seca, que atualmente estão ocorrendo em algumas partes do Brasil”. No mesmo sentido, Engle (2016, p. 92-93) afirma que as estações secas em regiões semiáridas da América do Sul tendem a se intensificar, assim como a média das temperaturas tende a subir. Tais fatores, segundo ele, devem aumentar o estresse hídrico com graves danos econômicos e sociais. De tal forma que a observação atenta às experiências da seca de 2011-2018 se mostra de grande relevância, visto que outras secas prolongadas e de grande intensidade tendem a ocorrer na região.

Conforme afirmam Santana e Santos (2020, p. 176), “[...] a estiagem provoca, além de perdas de peso e de valor da produção, uma comoção pelo sofrimento causado pela falta de alimento, e a geração de gastos com a aquisição de alimentos”. Dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme), sobre as precipitações no Nordeste brasileiro entre 2009 e 2017, mostram que os anos chuvosos terminam em 2011, nos anos que se seguiram as chuvas anuais ficaram sempre abaixo da média, o que caracteriza o que se chama de seca plurianual (MARTINS; MAGALHÃES; FONTENELLE, 2017). Tal situação impactou diretamente a produção agrícola e pecuária na região, com destaque para a redução de 44,25% na produção de feijão e 63,22% na produção de mandioca (macaxeira), os quais formam importante base alimentar para a população local. Neste mesmo período, no que se refere à pecuária, a região acumulou perdas no Valor Bruto de Produção Agropecuária – VBP, que chegam a 74,7% (SANTANA; SANTOS, 2020, p. 176).

Para visualizar e compreender os impactos da longa seca na percepção dos fluxos do tempo climático pelos sítiantes do Cariri Paraibano, neste trabalho priorizo as narrativas de experiências desses sítiantes ao longo do período de estiagem. Utilizo como referência para a abordagem a perspectiva defendida por Tim Ingold (2015), que privilegia as experiências

dos habitantes do lugar. Penso que a seca no semiárido pode ser objeto de investigação por diversas óticas diferentes, mas a experiência da seca só pode ser registrada pelas narrativas de quem a vive.

Ao diferenciar e defender a perspectiva da experiência frente a simples coleta de dados, Tim Ingold (2015) menciona cientistas que estariam mapeando “mudanças na ecologia e hidrologia da tundra ártica em uma determinada região do Norte da Rússia” (INGOLD, 2015, p. 226-227). Sobrevoando a região em um helicóptero, foram coletados dados em vinte pontos diferentes distantes em cinquenta quilômetros uns dos outros. Estes, após serem classificados e inseridos em um banco de dados, podem ser correlacionados gerando “modelos preditivos de mudança ecossistêmica e climática” (INGOLD, 2015, p. 226). A questão a que Ingold (2015) chega se refere ao lugar da experiência, neste caso, onde fica a experiência do piloto do helicóptero, que tantas vezes já percorreu essa região do Ártico, e onde estão as experiências de seus habitantes? O mesmo autor afirma que, para os habitantes ou o piloto, os lugares não são pontos interligados de coletas de dados, mas sim histórias de viagens. Por essa perspectiva é que acredito ser possível acessar as experiências e percepções dos habitantes do Cariri Paraibano no contexto da seca de sete anos.

Nesse viés, Ingold (2005), em outro ensaio, realiza uma crítica à ideia de mapas cognitivos e defende que mapear seria narrar histórias de antigas experiências. Segundo ele, ao falar de uma região, o habitante não acessa um mapa em sua mente, mas histórias que já viveu ali. Tal como na seguinte passagem de seu ensaio:

[...] as pessoas crescem em conhecimento não somente através de encontros diretos com outras pessoas, mas também por ouvirem suas histórias contadas. Contar uma história é relacionar, em uma narrativa, as ocorrências do passado, trazendo-as à vida no presente vívido dos ouvintes como se estivessem acontecendo aqui e agora [...] (INGOLD, 2015, p. 237).

Assim, considerar a abordagem a partir das experiências dos habitantes do semiárido permite acessar um olhar mais próximo da perspectiva de quem viveu a seca de sete anos e vive ciclos de secas e *invernos* desde que nasceu, como os sitiantes que há gerações vivem e transmitem experiências de viver no Cariri Paraibano. Portanto, através das narrativas das famílias sitiantes é possível notar como o extenso prolongamento da seca impactou nas percepções e interpretações destes acerca dos fluxos do tempo climático.

2 O CONTEXTO FÍSICO DO SÍTIO DO BRAVO

Este artigo é resultado de trabalho de campo realizado em um conjunto de sítios chamados de Sítio do Bravo, na divisa entre os municípios de Boa Vista e Cabaceiras, no Cariri Paraibano. São famílias produtoras de ovinos, caprinos e bovinos, que vendem leite, queijo coalho e animais para o abate, assim como, em caso de chuvas, podem vender o excedente do plantio. Nessa região, é possível distinguir duas estações climáticas: a *seca* e o *inverno*. O *inverno* é a estação chuvosa, quando as precipitações ocorrem de forma constante ao longo de aproximadamente três meses, com volume e regularidade suficientes para o crescimento da vegetação nativa e a prática da agricultura. No Cariri Paraibano esse período costuma ocorrer entre os meses de março a maio, com possíveis variações quanto ao seu início e término. Já a *seca* é a estação mais extensa, visto que dura desde o fim das chuvas até o início de um novo inverno, algo que pode não ocorrer todos os anos.

A estação de *inverno* tem pouca duração, apenas o tempo de as águas escoarem pelo solo e o sol torná-lo novamente seco, o que ocorre com extrema rapidez. As características do solo, pouco espesso e de drenagem rápida, aliadas à ação do sol de uma região próxima à Linha do Equador, provocam neste uma rápida perda de umidade. Por outro lado, mesmo um curto período de precipitações já pode fazer ressurgir folhas e forragens e, em caso de chuvas ao longo dos meses de *inverno*, a vida se transforma de maneira exuberante. As razões geofísicas para as baixas precipitações são múltiplas e creio que Marianne Cohen e Ghislaine Duqué (2001, p. 47-49) resumiram muito bem a situação do Cariri Paraibano:

A localização geográfica do Cariri explica a semiaridez de seu clima. As temperaturas sempre quentes das baixas latitudes (média anual de 23-24°C) estão associadas a chuvas escassas, concentradas em poucos meses, um conjunto de fatores que levam a um déficit hídrico significativo [...] De março a maio, a migração da convergência intertropical, no sentido NW-SE, carrega as chuvas mais intensas; de junho a julho, a penetração dos ventos alísios de SE provoca chuvas abundantes no litoral e no sopé leste da chapada da Borborema, o Brejo, onde vazão úmida é largamente descarregada, atingindo pouco o Cariri. Com efeito, os relevos que delimitam a depressão do Cariri são perpendiculares à direção das vazões úmidas: ao efeito, de localização no “final da corrida” das vazões, soma-se, portanto, o de uma posição a favor do vento, explicando a diminuição em chuvas atingindo apenas 304mm em Cabaceiras (COHEN; DUQUÉ, 2001, p. 47-49, tradução nossa).

Esse é exatamente o caso dos sítios do Bravo que, por um lado, possui solo raso e com pouca capacidade de retenção de umidade e, por outro, esse mesmo solo, rico em elementos minerais, possui alta fertilidade. Tais características influenciam nas profundas transformações que a paisagem, entre mata nativa e plantações, pode sofrer com a chegada das primeiras chuvas de inverno. No entanto, sempre que a evapotranspiração for maior que a precipitação de chuvas, o solo secará muito rapidamente, podendo ocasionar a perda das plantações. É neste contexto que se constitui o grande dilema dos agricultores do semiárido: saber quando se deve ou não apostar na regularidade e no volume das chuvas de cada ano para iniciar uma plantação.

3 ESPERA E INCERTEZAS

Para pensar nas experiências da espera pelas chuvas é possível tomar como exemplo as chuvas de agosto de 2017, as quais, apesar de terem modificado ligeiramente a paisagem, não foram suficientes para que os agricultores iniciassem uma plantação confiando na sequência de uma chuva fora de época. Na aparência, na rotina e nas conversas não deixavam escapar qualquer tipo de comentário esperançoso, nenhuma expectativa, apenas o trabalho rotineiro, resiliente, felizes pela nova configuração de suas realidades. O que expressavam no seu cotidiano era “fé” na chegada do próximo *inverno*. “Fé”, neste caso, tal como a interpretação de Mauro Almeida (2013) quando esse afirma, sobre o contexto amazônico, haver pressupostos ontológicos que permitem crer na existência de um peixe antes de pescá-lo. Como afirma o autor, “apenas como um ato de fé no futuro baseado no passado, é possível assegurar que um cardume exista neste exato momento antes de pescá-lo” (ALMEIDA, 2013, p. 12). No caso aqui analisado, o pressuposto da chuva de *inverno* que um dia voltará a se precipitar indica um “ato de fé” baseado no pressuposto ontológico de que as chuvas de inverno, mesmo que tardem, sempre voltam a ocorrer.

Mesmo ao olhar para o riacho seco, onde a vegetação já brota e ocupa seu leito, sabe-se que ali existe um curso d’água e que as águas das chuvas ainda virão para percorrê-lo novamente. “Tem que ter fé”, essa era a frase comum quando se falava durante esse período de expectativa por chuvas nos sítios do Bravo, pois na prática dessa “fé” não se marca o tempo futuro, apenas sabe-se, a partir de experiências do passado, que virão. Assim, viviam

dia após dia, trabalhavam, assistiam à previsão do tempo no telejornal, vez ou outra comentavam e seguiam trabalhando. Este último período de seca provocou mudanças não apenas no ambiente, como também na confiança que esses sítiantes podiam ter no fluxo do tempo climático e nos sinais da natureza que poderiam indicar a passagem do tempo.

Em pesquisa realizada no contexto amazônico acerca das percepções de mudanças climáticas, Erika Mesquita (2012) descreve uma situação semelhante à do Bravo. Ela mostra como os sinais da passagem do tempo para as populações tradicionais da fronteira Brasil/Perú já não permitem as mesmas interpretações que os guiavam até então. Na percepção das populações estudadas pela autora citada, os “animais professores” da floresta não transmitem mais os sinais precisos que guiavam os humanos no ritmo de passagem do tempo da natureza. Através da observação destes animais, dentre outras coisas, sabiam prever o tempo das chuvas, o movimento dos rios, da caça, dos peixes, etc. No entanto, assim como no Bravo, os habitantes perderam confiança nas interpretações do movimento da natureza, pois os sinais parecem não regular mais com a realidade da passagem do tempo. Como afirma a autora: “Os modos de conhecer e agir sobre a natureza, tanto dos humanos quanto dos animais, perderam sua eficácia segundo os moradores da floresta. Os animais estão tão desorientados quanto os humanos em um mundo desordenado” (MESQUITA, 2012, p. 49).

Da mesma forma, os sítiantes no Cariri Paraibano durante a última seca se mostravam perdidos quanto aos sinais de passagem do tempo. Trabalhava-se dia a dia com a certeza de que as chuvas um dia voltariam, mas já sem criar expectativas quanto ao momento certo que isso iria acontecer. Para superar os sete anos de seca, principalmente em seus últimos anos, o foco estava no cotidiano, em criar condições de resiliência. Como afirma Frederico Castro Neves (2007, p. 88), citando reportagem do Jornal “A Cidade”, de agosto de 1900: “A seca surge do nada, embora seja ‘esperada com estoicismo e temida com orgulho’”. Da mesma forma, o momento da chegada do inverno parecia incerto para esses sítiantes, que viviam e narravam com orgulho o fato de não terem perdido nenhum de seus animais para a seca ou deixado faltar alimento em suas casas.

Com relação à seca, Renzo Taddei (2014) observou que este fenômeno, ao contrário de outros tipos de desastres, é um processo marcado pela ausência e por uma temporalidade “distendida, incerta e cíclica” (TADDEI, 2014, p. 37). De acordo com o autor, as secas “são fenômenos insuportavelmente lentos e, em escala temporal ainda mais reduzida, da

vivência cotidiana do tempo (meteorológico) é marcada por um alto grau de incerteza - é praticamente impossível estabelecer quando se inicia e quando se encerra uma seca” (TADDEI, 2014, p. 37). Além disso, o autor destaca que até mesmo a Ciência tem incertezas quanto ao início das estações de inverno e sua constância:

A meteorologia pode prever, com taxas altas de sucesso, o total de chuvas a ser esperado na estação úmida, mas não é capaz de prever as primeiras chuvas da estação com antecedência maior do que duas semanas. Também não é capaz de prever se e quando haverá períodos secos, altamente destrutivos para a lavoura, no meio da estação (TADDEI, 2017, p. 126).

Taddei (2017) menciona, ainda, uma experiência pessoal em evento do “International Research Institute for Climate and Society”, quando foi anunciado um modelo de previsão climática com uma assertividade de cerca de 73,3%, o que era vivamente comemorado na ocasião. Porém, o autor lembra que o nível de incerteza ainda seria muito elevado para as necessidades agrícolas (TADDEI, 2017, p. 18). Em outra passagem de seu livro, acrescenta:

Mesmo para sistemas meteorológicos mais bem conhecidos e mais previsíveis - como o El Niño ou a Zona de Convergência Intertropical, faixa de nuvens localizada sobre o Atlântico equatorial responsável por trazer a maior parte das chuvas para a região setentrional do Nordeste brasileiro - o número de variáveis é muito alto, e os fenômenos envolvidos, muito complexos. Isso significa que nenhum modelo computacional é capaz de elaborar uma previsão que não seja mais do que uma distribuição de probabilidades para a estação chuvosa (TADDEI, 2017, p. 67).

De toda forma, tais previsões, sejam feitas pela meteorologia ou pela leitura do comportamento da natureza, são de grande importância para a vida dos agricultores, quanto mais para aqueles que vivem no contexto do semiárido. Como afirma Karen Pennesi (2015, p. 4), saber quando os períodos de estiagem vão ocorrer e por quanto tempo devem durar, assim como o início das chuvas com seu volume e regularidade, podem definir os rumos do trabalho durante todo o ano para as famílias agricultoras. Produtores podem escolher o que, quando e onde plantar, dependendo da previsão das chuvas para aquele ano, ou escolher não plantar, sabendo que terão um ano de estiagem. Se houver falta de regularidade nas chuvas após o plantio, o resultado é a perda das sementes e do trabalho investido, ocasionando perda de dinheiro. Por outro lado, se as chuvas ocorrerem inesperadamente

em bom volume e com regularidade adequada, e não houver plantio, a oportunidade será perdida. Em uma situação em que as secas são mais frequentes do que as chuvas, não aproveitar a chance de plantar e colher é tido como mais frustrante que perder as sementes para o solo seco.

Deste modo, para o planejamento das atividades dos agricultores, é fundamental que haja alguma segurança em relação aos fluxos do tempo climático. Contudo, de acordo com Taddei (2017, p. 55), as ciências climáticas teriam “na indeterminação parte fundamental da sua atividade de pesquisa”, ou seja, a incerteza seria um elemento estruturante da natureza dos fenômenos meteorológicos. Da mesma forma, é possível afirmar que a incerteza também faz parte do cotidiano de agricultores do semiárido, que convivem com a certeza da seca e a incerteza quanto à chegada do inverno. No entanto, como mostram Taddei (2017) e Pennesi (2015), saber quando plantar é fundamental para esses produtores e eles buscam informações que os ajudem a tomar decisões. Durante o trabalho de campo que embasou o presente artigo, foi constatado que a incerteza em relação à chegada das chuvas de inverno se intensificou entre os agricultores do Cariri Paraibano, especialmente em decorrência de um ciclo de seca prolongado, que ultrapassou a duração dos períodos secos anteriormente experimentados na região.

Como afirma Taddei (2015, p. 47), “previsões existem intrinsecamente conectadas com configurações emocionais coletivas”. Deste modo, a possibilidade de que as chuvas anunciadas nos sinais da natureza ou nas previsões veiculadas na mídia não se concretizem faz com que os agricultores planejem com medo enquanto esperam, receio de que a promessa de chuvas não se cumpra. À medida que a seca se prolonga, a insegurança dos agricultores aumenta, e o medo de que as promessas de chuvas não sejam cumpridas se torna cada vez mais presente.

Um aspecto interessante a se considerar sobre a espera pela chuva entre agricultores do semiárido é a relação entre esperança e medo proposta por Spinoza (2009). Para o autor, a esperança segue o mesmo sentido e é complementar e inerente ao medo, já que o medo surge do temor de que algo que se espera não se realize. Como define Spinoza, tanto o medo quanto a esperança são afetos que surgem justamente “da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida” (SPINOZA, 2009, p. 143-144). Desta forma, como medo e esperança são afetos que não podem ser pensados separadamente, quem espera pelas chuvas teme que elas não venham; por outro lado, quem tem medo de que as chuvas não ocorram, teme justamente por manter, mesmo que em silêncio, a esperança

em sua chegada. Assim, a vida do agricultor do semiárido ocorre justamente neste limiar indivisível da espera e da incerteza, da esperança na chegada das chuvas e do medo de que essas não ocorram naquele ano.

Neste contexto está sempre presente a questão: plantar ou não plantar? Caso o ano inicie com algumas chuvas entre janeiro e fevereiro, este dilema ganha ainda mais relevância no cotidiano dos sítios, pois pode ser indício da chegada do inverno. De toda forma, nada garante que tais chuvas, ainda esporádicas e em pouco volume, tenham sequência nos meses de março, abril e maio, formando o que é conhecido na região como a estação de *inverno*. A regularidade das chuvas é também fundamental para o sucesso da produção agrícola, visto que o solo perde rapidamente a umidade e precisa de chuvas por meses consecutivos para completar o ciclo de desenvolvimento das plantas dos roçados, como milho, feijão, aipim, etc.

Nesse contexto, o plantio no semiárido mostra-se uma atividade extremamente desafiadora: se o agricultor deixar de plantar e as chuvas ocorrerem em sequência, ele arrisca perder a oportunidade de um ciclo completo para seu plantio, caso opte por iniciar o cultivo com atraso, as plantas podem secar ou não se desenvolver completamente até a colheita por falta de chuvas no final da estação de inverno. Se, por um lado, não se pode perder a oportunidade da chuva, por outro, é possível que as chuvas de início de ano não se confirmem como sinais de um *inverno* naquele ano. Desta forma, é possível também que se cultive um roçado apostando nos sinais de chegada do *inverno* e perca as sementes e o trabalho caso este não se confirme. De tal modo se constitui o grande dilema do agricultor do semiárido, entre a esperança da chegada das chuvas de *inverno* e o medo de que não ocorram.

4 A EXPERIÊNCIA DA SECA E AS NARRATIVAS SOBRE O JÁ DISTANTE INVERNO

Nos sítios do Bravo, com certa frequência se observa com encanto e atenção os relâmpagos em nuvens negras no horizonte, vezes pelo Norte, vezes pelo Sul, mas sempre distantes. Este é considerado como um verdadeiro espetáculo da natureza, tão relevante que todos param com sorriso no rosto para apreciá-lo. Afinal, naqueles momentos de trabalho de campo, as chuvas, acompanhadas de raios e trovões, já há mais de meia década não ocorriam na região. Aquele é um espetáculo bonito de ser visto

e acompanhado junto aos moradores, mas, nenhum sitiante demonstrava criar expectativas sob a plêiade de tais eventos, pois nuvens e relâmpagos no horizonte não são suficientes para interferir no planejamento do trabalho.

Passados dois ou três minutos, a rotina continua sem que qualquer perspectiva de futuro tenha sido criada a partir daquela cena. Como certo dia questionei a Fernando, sitiante com mais de oitenta anos vividos no Cariri, ele havia acabado de chegar para uma conversa de fim de tarde com os amigos e nos atentou para os muitos raios que eram avistados no horizonte, na direção do fundo da casa. Levantamo-nos e fomos até o cercado para ver, após acompanharmos por alguns minutos os raios, perguntei para Fernando enquanto caminhávamos de volta:

_ Com uns sinais assim, tem como saber quando vai chover?

Ao que recebi uma resposta simples, curta, direta, ao mesmo tempo em que densa de experiências:

_ Aqui não se faz planos.

Neste contexto, é importante entender que tal afirmação não significa que os sitiantes não façam qualquer plano para o futuro, mas sim, que preferiam não planejar com base naquilo que não se pode controlar: o fluxo do tempo climático. Ainda mais após sete anos de estiagem e muitas sementes perdidas no roçado esperando por chuvas que não vieram. Ao longo do período de seca, sentado na mesa de almoço ou jantar ou nos intervalos de trabalho, tentei muitas vezes puxar assunto sobre uma possível chuva. Buscava algum sinal, alguma história, algum sentimento que pudesse me falar sobre uma possível expectativa pela chuva. Porém, a fala se repetia sempre calma, lenta e resignada.

Em certa manhã, tomando café no terraço de um dos sítios do Bravo, na companhia de Laura, na ocasião, com cerca de oitenta e cinco anos, procurei saber sobre suas perspectivas para a chegada de chuvas. Os diálogos abaixo demonstram a relação dessas pessoas com o tempo futuro durante a seca no que se refere à expectativa pelas chuvas:

_ Amanheceu hoje um dia fechado, cheio de nuvens. Quando chove o céu fica assim? Dá pra saber quando a nuvem é de chuva? – perguntei.

_ Dá não Mateus, dá não. - respondeu Laura e o silêncio tomou conta do ambiente mais uma vez.

Depois de algum tempo em campo, pude perceber que nuvens como aquelas passam sempre, algumas parecem carregadas e prestes a precipitar. Há ainda ocasiões em que o céu até mesmo escurece dando a impressão de chuva, mas esta não ocorre e a seca continua.

_ Já tamo em fim de janeiro e quando chove, já começa nessa época, não é? - perguntei em outra ocasião e Laura me respondeu abaixando o tom da voz conforme chegava ao fim da frase até sobrar apenas um sussurro ao entregar a Deus.

_ É, Mateus, é sim. Chegando na época mesmo. Nós já tamo chegando em final de janeiro, tá na época memo. É Mateus, no final de janeiro, já tamo no final de janeiro. Se Deus quiser e Nossa Senhora, que Deus tome conta.

No mesmo sentido respondeu Bati, seu marido, noutra manhã a uma pergunta semelhante. Disse ele em uma frase curta, com longas pausas reflexivas e tom terminativo, pois não havia mais nada a ser dito:

_ É ... é é ... se Deus quiser ...

Não apenas nas conversas com Laura e Bati, mas em todos os sítios do Bravo todos pareciam muito focados no presente para falar sobre o futuro, ainda mais um futuro incerto. Sempre que perguntei sobre as chuvas futuras, a fala era curta e resignada, afinal estavam trabalhando dia a dia de maneira exaustiva para garantir a sobrevivência da família e dos animais de seus sítios. O que me faz retornar mais uma vez à resposta curta e direta de Fernando quando perguntado sobre os sinais da natureza para possíveis chuvas: “*– Aqui não se faz planos*”. A frase é curta, direta e encerrava ali o assunto, como em todas as conversas que tive em cada sítio do Bravo. As falas dos sítiantes demonstravam uma mudança recente, pois parecia que já não era possível entender os sinais que indicam a passagem do tempo na natureza. De anos para cá, os caririzeiros velhos não falavam mais nos sinais que antes ajudavam a prever o futuro do tempo climático. Pelo canto de um pássaro, o florescer de uma planta ou o movimento dos insetos sabiam que o tempo iria mudar. Porém, perderam a confiança naquilo que estavam observando.

A experiência dos agricultores na análise dos sinais de possíveis chuvas, interpretados a partir do comportamento da natureza, é tão precisa

que se diz que certos insetos e animais “atraem chuva”. Embora os sinais da natureza tenham continuado, a confiança do sitiante na sua interpretação foi diminuindo devido à dificuldade em prever com maior precisão o que estava por vir, já que ano após ano a seca continuava e se agravava. Exemplo dessa tradição de análise dos sinais da natureza está nos marimbondos que procuram o interior coberto das grutas para proteger sua casa das águas da chuva futura, mas seus sinais já pareciam incertos. Outros insetos e animais que a tradição diz “atraírem chuvas” são a aranha Caranguejeira (*Lasiadora parahybana*) e a cobra-de-duas-cabeças (*Anfisbena*), pois costumam aparecer antes do início das chuvas. Da mesma forma que os mandacarus (*Cereus jamacaru*) costumam florir antes da chegada das chuvas, saber do semiárido que foi entoado na canção “Xote das Meninas”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, lançada em 1953 (O XOTE..., 1953).

Um teste comum entre os sitiantes para averiguar os sinais de chuvas é realizado abrindo um buraco em um ninho de cupins, se estes fecharem novamente o buraco no espaço de uma semana, é sinal de que a chuva está próxima. No contexto desta longa seca, esses e outros sinais muitas vezes indicavam a chegada de chuvas, mas na sequência dos dias e semanas o máximo que se via eram nevoeiros, chuva fraca que mal chegava ao solo e logo se evaporava com o calor do sol. Assim, os sitiantes pareciam ter perdido a confiança na interpretação de tais sinais e, ao longo deste período, pareciam até mesmo evitar falar sobre eles.

_ Há anos sento ali no terraço e com eles, Geraldo, Antônio, Fernando, e muitas vezes os ouvia falar: “tá ouvindo? Tá ouvindo o canto do pássaro? Tá vindo chuva”. E chovia! Chovia! – me disse o genro de Geraldo, sitiante do Bravo.

Como também em certo dia de janeiro, durante a seca, sentado conversando com outro sitiante, Eurique, no terraço de sua casa, observei que, ao fundo, havia nuvens negras avolumadas, o dia amanhecera nublado e com um vento frio, então perguntei a ele:

_ Quando o dia amanhece assim, não se tem a impressão de chuva? Sei que é muito diferente, mas, de onde venho em dias assim sempre chove.

_ Aqui também era assim. Antigamente eu pensava que podia chover, hoje não penso mais não. - respondeu Eurique.

Aquela nuvem passou, o dia clareou e logo à tarde o sol quente e o vento seco de poeira voltaram a compor a paisagem do Bravo. Ouvi um

depoimento semelhante de Danda e Dedé Ricardo em minha primeira entrevista feita no Bravo. Na ocasião, perguntei-lhes se dava para saber “quando tá pra vir chuva”. Todos riram de sorriso aberto e Danda respondeu:

_ Aqui é difícil, meu velho. Aqui é difícil d'a gente saber. Tem hora que você vê que essa serra quase que encobre. É cada uma nuvem tão linda do mundo, eu digo: pronto, agora vai! Quando passa um pouco, acabou-se, vai embora, né.

_ O Cariri da gente é muito difícil. Não é pra desfazer de Deus não, mas é muito difícil. Não dá pra saber. - comentou Dedé Ricardo.

_ Lá pra onde você mora, lá pra lá não, vocês quando vê uma nuvem escura já sabe, né, que vai vim um pé d'água, não é isso? No caso, eu morei em João Pessoa (no litoral), às vezes a gente tava como a gente tá conversando aqui agora, ajeitava uma nuvenzinha e quando via era água no meio da rua, por todo canto, chuva demais, né. Mas aqui é diferente, aqui é difícil, e é assim mesmo, a gente se acostuma. Você vai se acostumar, você vai ficar ainda uns dia - disse Danda sorrindo.

5 A CHEGADA DO INVERNO E AS INCERTEZAS QUANTO AO PLANTIO

O ano de 2018 já começou dando sinais de ventura. No mês de janeiro, presenciei 5,5 mm que desapareceram da superfície tão logo veio o sol da tarde. Não parecia ser algo que já não tivessem presenciado, não era ainda o suficiente para que pudessem fazer algum plano do que viria à frente. Afinal, após sete anos desde o último inverno, chuvas como essa do dia 15 de janeiro eram apenas um alento para as cisternas, as plantas da caatinga, as palmas e a criação. O que não significa que esses momentos não fossem vivenciados com muita alegria.

Duas semanas mais tarde, quando acabara de pegar o caminho de volta para casa, recebi a notícia alegre vinda do Bravo pelo *WhatsApp* de que chovera quase o dobro naquele dia, o pluviômetro havia registrado 10,5 mm. A sequência de duas chuvas com poucos dias de diferença e a elevação do volume anotado (e mesmo percebido sem registro) geraram um fio de esperança. Vale ressaltar que naquele mês de janeiro os mandacarus floriram e o marimbondo fez casa no interior das grutas, como sinais de chuvas presentes na natureza. No entanto, não gastariam no roçado tempo e dinheiro a partir dos primeiros sinais de chuva, aqueles 16 mm de janeiro eram muito bem-vindos, mas não eram entendidos ainda como prenúncio de um inverno. Como se dentre as mudanças provocadas pela última seca,

tivessem perdido a confiança nos sinais de fluxo do tempo climático como estavam acostumados até então.

As chuvas deste inverno se concentraram em maior volume entre os meses de março e abril, com uma forte chuva em cada mês e registros menores ao longo das semanas. Os 16 mm de janeiro não tiveram continuidade no mês seguinte, quando choveu no Bravo apenas 10 mm, somados os dias 2 e 17. Tal variação e a baixa expectativa de quem vinha de sete anos de estiagem, tornaram difícil a aposta em um *inverno* naquele ano, poderia ocorrer, mas ninguém faria a aposta. Não se sentiam seguros o suficiente para fazer planos a partir destes primeiros sinais. Assim, quando chegou o mês de março, duas fortes chuvas somaram 60 mm entre os três primeiros dias daquele mês. Porém, muitos sítiantes do Cariri não haviam plantado, ou haviam plantado pouco para não perder todas as sementes, algo que havia ocorrido em outros anos.

De março em diante cada sítio dos arredores do Bravo passou a reabrir seus roçados apostando, agora sim, na continuidade das chuvas. De fato, eles não se decepcionaram, pois o mês de março seguiu com chuvas leves e nevoeiros que mantinham o solo úmido e garantiram o crescimento e uma colheita de milho (verde e maduro), feijão, maxixe e jerimum, assim como os umbuzeiros e juazeiros voltaram a florir e frutificar. A primeira chuva de abril marcou o maior volume registrado no ano, 104 mm em apenas um dia e o mês também foi seguido de chuvas leves e nevoeiros que mantiveram a umidade do solo. O roçado de março cresceu rápido e ainda estava sendo colhido mesmo em julho. Já o roçado de abril perdeu desenvolvimento com a queda das chuvas no mês seguinte, pois em maio choveu apenas 27 mm divididos em quatro dias, 9, 15, 17 e 28. Por conseguinte, os 32 mm de junho não foram suficientes para manter o solo úmido e no mês de julho apenas uma chuva de 6 mm foi registrada. O inverno chegava ao fim.

A incerteza e a falta de confiança desenvolvidas em anos de espera, fizeram com que o caririzeiro no Bravo e redondezas esperasse até que o volume e a regularidade das chuvas confirmassem o inverno. Algo que, como mencionei acima, começou em março, logo na primeira precipitação, porém, os sítiantes não tinham confiança de que as chuvas seguiriam nos dias e meses seguintes. Esse jogo de sorte para o plantio do possível inverno e repetidos anos de seca, retirou todas as certezas mesmo dos caririzeiros mais velhos, acostumados às secas e aos sinais de chuva.

Como aconteceu no Bravo, muitos outros sitiantes preferiram não apostar na lucratividade daquele inverno e não fizeram planos a partir da primeira chuva, plantando apenas para a ração dos bichos e um pouco para as casas. As chuvas podiam ter chegado, o que multiplicaria o pasto dos animais, mas, haveria sempre uma desconfiança quanto a regularidade delas para se apostar no cultivo do roçado.

Em 2018, por muitas vezes, ajudei Gilmar e Givaldo a debulharem feijão-macaça e milho. Pegava sempre um tamborete, um punhado de vagens ou espigas e começava a trabalhar. Enquanto isso, conversávamos sobre os resultados do trabalho no *inverno* e as diferenças para anos anteriores. Givaldo comentou que algumas bonecas não cresceram e me mostrou uma para que eu entendesse e a conversa seguiu sobre as chuvas e o tempo do roçado:

_ Preciso ter dado uma outra chuva boa mesmo, grossa. - disse Gilmar.

_ Quando foi pra chover mesmo, faltou água. Por isso que esse milho ficou meio miúdo, faltou a chuva pra crescer o caroço. Esse milho ele já deu no final do inverno, nós plantamos no final do inverno, já no final da chuva. Mas ninguém advinha não. E tem muita gente que perdeu, com certeza. É a sorte, sabe, porque quando você tá perto de lucrar aqui no Cariri, passou a chuva e por falta de uma chuva perde tudo. A gente batalha, batalha, batalha, faltou a chuva, pronto, acaba tudo. - Completou Givaldo.

Assim, a linha que separa a possibilidade de lucrar ou ter prejuízo é muito tênue e sem um prognóstico preciso o momento do plantio acaba sendo uma aposta muito arriscada. Após as chuvas que puseram fim a sete anos de seca, durante as últimas colheitas os sitiantes ainda se lamentavam por erros na escolha do momento de se plantar. Naquele ano, conseguiram colher apenas o suficiente para ajudar na alimentação animal e feijão que era distribuído entre familiares. No *inverno* de 2018, nenhum lucro direto foi obtido através da agricultura.

_ Se plantar bastante dá pra vender. Já teve ano de nós aqui lucrar quarenta, cinquenta sacos de milho. E tem gente que não tem bicho pra dar, aí vende. Às vezes vende só dez, vinte, trinta sacos de milho. É como feijão mesmo, esse feijão macaça (e apontou para o feijão que havíamos debulhado na noite anterior), colhemos já vinte, vinte e cinco sacos de feijão, três sacos de fava, bastante pra vender. Até plantamos fava esse ano, né Mateus, mas deu pouco. Como eu disse, foi plantado depois, já no período do inverno... - dizia Givaldo, enquanto debulhávamos o milho.

_ *Atrasado* - disse Gilmar.

_ *Atrasado, com certeza. Plantemo atrasado. É que nós desanimamo com os anos tudo ruim, sabe Mateus, só perdeno, só perdeno. Aí ninguém pensa, na hora, que ia chover tanto. No começo pensava de chover e parar, mas aí continuou, né. Depois de tanto ano ruim, o cabra já vem trabalhando o ano todinho, quando chega na época do inverno...*

_ *É que a chuva do ano todinho vem tudo de uma vez.* - disse Denival, que chegara a pouco no terraço.

_ *Pronto, foi isso, choveu muito, mas choveu tudo duma vez, depois ficou fazendo falta.* - completou Givaldo.

Como mostram tanto os depoimentos quanto os dados registrados pelo pluviômetro, as chuvas do inverno de 2018 não vieram em volume e regularidade necessários para o pleno desenvolvimento das plantas dos roçados. Pelos sítios do Cariri Paraibano, avistava-se com frequência roçados que se perderam por falta de água. Pés de feijão ressecaram, grãos se perderam com a vagem ainda pequena, milharais secos com as espigas que tiveram seu crescimento interrompido.

Isso ocorreu porque, no momento de desenvolvimento dos frutos, raízes e grãos, cessaram as chuvas e faltou água para a macaxeira, o feijão, o milho, o jerimum. O momento do plantio deve ser preciso e contar, com certo grau de incerteza, com a continuidade das chuvas. Nesse exercício de fé e resignação, chega um dia em que é preciso apostar nas chuvas e plantar o roçado ao risco de perder tudo ou colher boa safra. Como afirma Taddei (2017, p. 107), no semiárido “perder sementes é ruim, mas perder chuva é muito pior”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, é possível perceber que a seca de 2011-2018 apresentou aos sítiantes do Cariri Paraibano um contexto muito diferente do habitual. Os sete anos de estiagem mudaram o comportamento de animais, insetos e plantas da caatinga fazendo com que os sinais antes marcadores da passagem do tempo se mostrassem pouco assertivos. Por várias ocasiões, pude presenciar tais sinais que um dia indicaram a chegada de chuvas terem pouca ou nenhuma eficácia.

Vale lembrar que mesmo as previsões realizadas pelos profissionais da meteorologia, com toda tecnologia empregada, trabalham com certo grau de incerteza. Isso tudo, aliado ao fato deste período de estiagem ter sido o mais extenso já registrado e vivido na região, foi pouco a pouco minando a confiança dos sítiantes nos fluxos da passagem do tempo climático. De tal forma que, entre sinais e incertezas, encontrava-se a fé em um pressuposto ontológico que garante que depois da seca, por longa que seja, haverá um *inverno*. Nos últimos anos da seca, os moradores do Cariri já não olhavam mais para os sinais, aguardavam quase que silenciosamente os dias em que as chuvas voltariam a precipitar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. W. B. Caipora e outros conflitos ontológicos. **Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos, SP, v. 5, n. 1, p. 7-28, jan./jun. 2013.
- COHEN, M. ; DUQUÉ, G. **Les deux visage du Sertão: stratégies paysannes face aux sécheresses (Nordeste du Brésil)**. Paris: Institut de recherche pour le Developpement - IDR Éditions, 2001.
- ENGLE, N. *et al.* Planning for the next drought and paving the path for climate changes resilience. *In: DE NYS, E. et al. (org.). Drought in Brazil: proactive management and policy*. New York: CRC Press – Taylor & Francis Group, 2016. p. 92-93.
- INGOLD, T. Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 76-110, 2005.
- INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MAGALHÃES, A. R. Life and drought in Brazil. *In: DE NYS, E. et al. (org.). Drought in Brazil: proactive management and policy*. New York: CRC Press – Taylor & Francis Group, 2016. p. 1-18.
- MARTINS, E. S. P. R.; MAGALHÃES, A. R.; FONTENELE, D. A seca plurianual de 2010-2017 no Nordeste e seus impactos. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, DF, v. 22, n. 44, p. 17-40, jan./jun. 2017.
- MESQUITA, E. **Ver de perto pra contar de certo: as mudanças climáticas sob os olhares dos moradores da floresta do Alto do Juruá**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

NEVES, F. C. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. **Tempo**, Niterói, v. 11, n. 22, p. 80-97, 2007.

O XOTE das meninas. [Compositores e intérpretes]: Luiz Gonzaga e José Dantas. [S. l.: s. n.], 1953. 1 disco vinil.

PENNESI, K. E. Perspectivas Culturais na Comunicação Climática. **Western Libraries**, [s. l.], p. 1-23, 2015. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/anthropub/66/>. Acesso em: 14 maio 2022.

SANTANA, A. S.; SANTOS, G. R. Impactos da seca de 2012-2017 na região semiárida do Nordeste: notas sobre a abordagem de dados quantitativos e conclusões qualitativas. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental**, Brasília, DF, n. 22, p. 119-129, 2020.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TADDEI, R. A seca como modos de enredamento. **ClimaCom Cultura Científica**: pesquisa, jornalismo e arte, Campinas, v. 01, ano 01, 15 dez. 2014. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sementeia-multi-midia-educacao-e-resistencia-em-uma-plataforma-virtual-2/>. Acesso em: 14 maio 2022.

TADDEI, R. **Meteorologistas e profetas da chuva**: práticas e políticas da atmosfera. São Paulo: Terceiro Nome, 2017.